

# Marxismo e teoria da personalidade: uma análise do sujeito histórico

Antonio Euzébios Filho<sup>1</sup>  
Raquel Souza Lobo Guzzo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo retoma alguns fundamentos teóricos sobre a personalidade, trazendo contribuições de alguns autores marxistas como Vigotski, Wallon e Lucien Sève. Nessa perspectiva, tomamos a dialética como o principal fundamento para uma teoria da personalidade, já que esta categoria revela uma relação particular entre subjetividade e objetividade, desenvolvida em um campo de possibilidades histórico-concreto. Posteriormente, analisamos alguns fundamentos psicológicos para elaboração de uma teoria crítica da personalidade e, por fim, buscamos refletir como ela operacionaliza sua atividade em um movimento de ruptura e continuidade.

**Palavras-chave:** *personalidade, objetividade, subjetividade, dialética.*

**Abstract:** This article describes some theoretical questions about personality bringing the contributions of some Marxists authors, such as Vygotsky, Wallon and Lucien Sève. In this perspective, we take the dialectic as the main basis for a theory of personality, because this category expresses a particular relationship between subjectivity and objectivity, developed in a field of historical and practical possibilities. Subsequently, we analyzed some psychological grounds for developing a critical theory of personality and, finally, we bring some elements to understand how the personality develops its activity, in a movement of rupture and continuity.

**Key words:** *personality, objectivity, subjectivity, dialectical.*

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas. Bolsista CAPES. Email: [toninhoeuzebios@hotmail.com](mailto:toninhoeuzebios@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora titular da Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas. Email: [rguzzo@mpc.com.br](mailto:rguzzo@mpc.com.br)

## Introdução

Neste artigo, buscamos fazer uma breve descrição de alguns fundamentos teóricos sobre a personalidade a partir do materialismo histórico e dialético. Para seguir nesta direção, optamos por traçar a trilha da psicologia russa, representada especialmente por Vigotski; também nos apoiamos em Wallon, Séve e outros autores marxistas, na tentativa de resgatar aspectos importantes para uma teoria da personalidade<sup>3</sup>.

Segundo González Rey e Mitjans Martínez as teorias da personalidade assumiram, ao longo da história da psicologia, uma composição hegemônica que pode ser expressa em duas opções teórico-metodológicas dominantes: (1) uma que absolutiza o processo de interação clínica, como uma via essencial para estudar a personalidade; (2) outra que enfatiza a necessidade de se aplicar instrumentos para acessar a personalidade (MARTINEZ, 1989, p. 64).

Estas duas opções teórico-metodológicas caminham a fim de extrair categorias estáticas sobre a personalidade, definidas somente pelo conteúdo que refletem empiricamente, fomentando uma análise esquemática que revela o positivismo dominante na psicologia (GONZÁLEZ REY, MITJANS MARTINEZ, 1989, p. 19).

Sève também reconheceu o positivismo como força hegemônica da psicologia, quando analisou a premissa sobre qual a psicologia dominante se debruça, baseando-se, por exemplo, na “desigualdade natural das inteligências” (SÈVE, 1979, p. 22) para explicar as diferenças individuais. Esta premissa - de uma desigualdade por natureza - baliza diferentes compreensões que predominam o campo teórico da personalidade, mas que se integram ao identificar um objetivo comum: construir uma tipologia fixa da personalidade, com base na naturalização do fenômeno social e histórico.

---

<sup>3</sup> Este artigo é parte da dissertação de mestrado de um dos autores. Trata-se de um trabalho intitulado “Consciência, ideologia e pobreza: socialidade humana e desigualdade social” (EUZÉBIOS FILHO, 2007), financiado pelo CNPq e defendido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas.

A necessidade de medir o comportamento como um fenômeno exato, para estabelecer padrões rígidos de personalidade, contribui significativamente para o empobrecimento teórico da psicologia, eximindo-se de uma análise ontológica, apagada pelo tecnicismo (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 9; PARKER, 2007, p. 33). Assim, o uso de técnicas passou a ser confundido com o próprio fazer psicológico. Os fenômenos, analisados de maneira simplista, e a teoria serviram para enquadrar a realidade e não o contrário (GONZÁLEZ REY, 2003:10).

Diante deste empobrecimento teórico da psicologia, observa Gonzalez Rey<sup>4</sup>, uma reflexão de caráter ontológico pode ser, particularmente, ameaçadora para a psicologia dominante, uma vez que o debate sobre a complexidade do fenômeno estudado pode atrasar o ritmo de produção de novas técnicas psicológicas a serem aplicadas no contexto imediato do mercado capitalista – aqui recorreremos à análise de Parker sobre o que ele chama de “manufatura da angústia” (*manufacture of distress*), referindo-se à psicologia, quando estabelece uma analogia da profissão com o modelo fabril como uma fábrica que necessita produzir em série, com uma determinada regularidade, para agradar aos gostos e aos anseios dos mais variados mercados (PARKER, 2007, p. 94).

Mas, como toda empresa, a psicologia dominante também passa dificuldades para manter o ritmo desejado de produtividade e lucratividade. Ela foi incapaz, até mesmo pela amplitude do conhecimento psicológico, de ocultar totalmente as divergências profundas que existem entre as perspectivas históricas da psicologia (PARKER, 2007, p. 95). Estas divergências são evidenciadas quando lidamos com os preceitos ontológicos para compreensão da personalidade (SÈVE, 1979, p. 38).

O centro das divergências no âmbito das teorias psicológicas revela-se no problema da articulação entre a subjetividade e objetividade, por isto, a finalidade deste artigo é refletir sobre as premissas que regem esta articulação, entendendo que o conceito de personalidade é um campo privilegiado para esta análise.

---

<sup>4</sup>GONZALEZ REY, 2003, p. 10

Nossa proposta é retomar alguns pressupostos teóricos que englobam um entendimento crítico da personalidade, compreendendo que esta categoria nos permite refletir sobre o fenômeno psicológico, a partir da tensão imanente entre dois pólos que conformam uma unidade dialética: subjetividade e objetividade.

Antes de uma breve descrição sobre algumas das principais teorias críticas da personalidade, à luz do marxismo, é fundamental reconhecer que a elaboração de uma teoria psicológica pressupõe uma concepção ontológica sobre o agente desta personalidade: o ser social e histórico.

## **1. Pressupostos ontológicos da personalidade**

### Unidade dialética entre subjetividade e objetividade

A dialética é o primeiro fundamento para uma teoria marxista sobre a personalidade. Trata-se de um pressuposto filosófico que compreende a individualidade e a sociabilidade como dimensões distintas de uma mesma realidade. Nesse sentido, Vigotski recomenda que a separação entre subjetividade e objetividade deva ser realizada na psicologia somente em seu sentido gnosiológico, da caracterização necessária de dois conceitos distintos, vistos que ambas as dimensões guardam uma autonomia relativa frente à outra (VIGOTSKI, 1999, p. 147). Esta diferenciação de conceitos não nega, todavia, a necessidade de compreendê-los em sua totalidade. Por isso, Vigotski reconhece a dialética como possibilidade de compreender subjetividade e objetividade como duas dimensões que, apesar das suas especificidades, compõem uma unidade ontológica que caracteriza a historicidade do ser social.

Vigotski<sup>5</sup> assume dois pressupostos: (1) de que a realidade social é parte constituinte do sistema psicológico e se entrelaça com ele, embora existam linhas de ruptura e continuidade nesta relação, já que; (2) o ser social dispõe de qualidades intrinsecamente humanas - os “atributos

---

<sup>5</sup> VIGOTSKI, 1999, p. 144

humanos”, para recorrer a um termo utilizado por Meszáros<sup>6</sup> - que dizem respeito à capacidade do sujeito, pela sua condição humana, de se apropriar conscientemente de um objeto para transformá-lo, rompendo com a continuidade, com aquilo que estava posto.

O desenvolvimento destas qualidades, intrinsecamente humanas, pressupõe um processo de interação entre subjetividade e objetividade, que admite a possibilidade de predominância de uma dimensão sobre a outra. É isso que Vigotski observa analisando, por exemplo, o curso inicial do desenvolvimento humano (VIGOTSKI, 2003, p.149). Ele nota que nos primeiros anos de vida a realidade social se apresenta para o indivíduo, antes, como uma realidade que impõe certas condições concretas para a constituição do seu pensamento e linguagem.

Em outras palavras, Vigotski<sup>7</sup>, assim como Wallon<sup>8</sup>, consideram que a socialização se torna pressuposto para a constituição da individualidade humana. Mas os autores admitem, ao longo de suas obras, que a socialização não se caracteriza pela simples reprodução das relações, dos valores, dos instrumentos utilizados por uma sociedade, mas a partir do processo dialético de objetivação da realidade social e subjetivação da realidade concreta.

Vigotski<sup>9</sup> reconhece que a subjetivação da realidade tem antes de qualquer coisa, uma finalidade prática: o sujeito quer, primeiramente, entender a realidade que o cerca para converter seu pensamento em ação, isto é, quer objetivar aquilo que sente e pensa, quer exprimir suas motivações, quer expressar suas necessidades para buscar suprir suas necessidades a partir das relações sociais imediatas. Faz isso para satisfazer uma necessidade básica como, por exemplo, a alimentação, isto é, quando um bebê chora para que os adultos percebam que ele está com fome. Trata-se, neste caso, de um pensamento instrumental, que é para Vigotski (VIGOTSKI, 2003, p. 129), e também para Wallon (WALLON, 1979, p. 57), bem característico dos primeiros anos de vida.

---

<sup>6</sup> MESZÁROS, 2006, p.154

<sup>7</sup> VIGOTSKI 2003, p. 149

<sup>8</sup> WALLON, 1979, p. 156

<sup>9</sup> VIGOTSKI 1999, p. 186; *idem*, 2003, p. 129

Com base nesta compreensão, Duarte considera que a subjetivação da realidade social assume uma existência objetiva, em primeiro lugar, quando a ação do sujeito, que deflagra uma exteriorização daquilo que fora previamente pensado, traz um resultado prático (DUARTE 2004, p.49).

Ocorre que o pensamento instrumental, aquele que é limitado a encontrar soluções imediatas, caracterizado como uma manifestação pré-intelectual na visão de Vigotski<sup>10</sup> e Wallon<sup>11</sup>, típicas da criança de pouca idade, passa a ser estruturado a partir de um campo de significados com o desenvolvimento da linguagem e do pensamento abstrato - assim, as ações isoladas tornam-se planejadas, conformam uma atividade humana articulada entre diferentes ações.

A atividade humana é socialmente orientada, não se configura como simples atividade mecânica, como uma ação isolada. Pelo contrário, ela se torna mais complexa à medida que a particularidade ultrapassa a reprodução do genérico. O sujeito interioriza uma relação social e extrai daí os meios para satisfazer suas necessidades imediatas, mas também se distancia da sua condição natural, assume uma realidade social para si, imprime uma atividade particularizada, torna-se capaz de planejar suas ações, articulá-las e transformar aquilo que está posto.

Com isso, Duarte considera que a atividade humana é empreendida a partir da tensão entre apropriação e objetivação (DUARTE, 2004, p. 53). Esta tensão, no marco da unidade dialética entre subjetividade e objetividade, é expressa naquilo que Costa (COSTA, 2005, p. 96) denomina de campo de possibilidades, conceito que desenvolveremos a seguir buscando demarcar uma noção crítica da personalidade, compreendida como parte de uma realidade histórica, de uma realidade circunstanciada socialmente, a partir da qual a subjetividade pode encontrar mais ou menos possibilidades concretas de expandir suas capacidades autônomas.

---

<sup>10</sup> VIGOTSKI, 2003, p. 129

<sup>11</sup> WALLON, 1979, p.57

## Personalidade e o campo histórico-concreto de possibilidades .

A personalidade é um dado concreto e tem um ponto de partida: a realidade compreendida no bojo das relações sociais (SÈVE, 1979, p. 184). Assim é que Vigotski (VIGOTSKI, 1999, p. 186) e Wallon (WALLON, 1979, p. 57) compreendem, na fase inicial do desenvolvimento psicológico, a sociabilidade como pressuposto para o aparecimento da individualidade, conquistada pela aquisição de habilidades, como a linguagem, que só podem ser adquiridos a partir de mediações sociais, pela apropriação de significados no plano das relações humanas.

Desde criança, o indivíduo é obrigado a estabelecer uma determinada relação com o mundo que o cerca. Vai precisar lidar, de uma forma ou de outra, com os valores dominantes, com a moral instituída, com as especificidades físicas e ambientais a que está sendo submetida; vai lidar também com a forma como a sociedade se organiza materialmente, isto é, como produz seus meios de vida (WALLON, 1979, p. 54). Todas estas mediações, sendo ou não um obstáculo ao desenvolvimento da personalidade, correspondem para Costa a um campo histórico-concreto de possibilidades, que se perpetua ou se transforma, dependendo, em grande medida, da ação dos indivíduos reais sobre a realidade posta (COSTA, 2005, p. 96).

Com a idéia do campo de possibilidades, baseado nas análises de Lukács a respeito da ontologia do ser social, Costa (2005) quer demonstrar que o desenvolvimento da personalidade, desde seu primórdio, está atrelado a um campo concreto de possibilidades históricas oriundas da mediação entre sujeito e objeto. Afinal, partindo dessa compressão, como podemos pensar, por exemplo, a escolha por aviação nas sociedades em que não existiam aviões? Não poderíamos conceber, para usar outro exemplo, que seja possível a escolha pela profissão de psicólogo, antes que ela existisse. Por outro lado, a objetivação da psicologia e da própria aviação, tomando como exemplo, foi empreendida por um grupo de pessoas munidas de uma intencionalidade, de uma motivação prática e idéias em comum.

A ação consciente transforma a realidade, promove o desenvolvimento da individualidade e é o que dá vida para as personalidades - ela reflete a intencionalidade do sujeito operando sobre um campo concreto de possibilidades, podendo daí modificá-lo, reconfigurá-lo, produzindo novas necessidades e trazendo novos elementos para sua ação e reflexão.

## 2. Fundamentos para uma teoria crítica da personalidade

Antes de prosseguir, é importante fazer uma ressalva deixando claro que não estamos tratando daquilo que Sève caracterizou de “personalidade concreta” (SÈVE, 1979, p. 436), ou seja, de uma individualidade específica implicada em um contexto específico. Limitamo-nos, neste artigo, a uma compreensão abstrata da personalidade, isto é, buscamos aplicar alguns princípios do materialismo histórico e dialético para uma compreensão teórica sobre a personalidade. Neste sentido, a partir de agora tentaremos responder, minimamente, a duas perguntas centrais: (a) como a personalidade se constitui em movimento? (b) como ela se desenvolve em um movimento dialético de ruptura e continuidade?

Na tentativa de aclarar, minimamente, estas questões, analisamos em primeiro plano, alguns fundamentos psicológicos para elaboração de uma teoria crítica da personalidade para, por fim, buscar compreender como ela operacionaliza sua atividade em movimento.

### Personalidade em movimento

Um dos maiores legados de Vigotski foi compreender os fenômenos psicológicos na conformação de um sistema aberto, em que uma função está interligada a outras compondo um sentido para a atividade humana (VIGOTSKI, 1999, p. 62; *idem*, 2003, p. 26).

Para Vigotski (*idem*, 2003, p. 26), fenômenos como a memória, a percepção, mesmo a consciência, a linguagem e o pensamento, só podem

ser compreendidos dentro do marco da produção de sentidos. Com isso, Vigotski concebe a constituição de um sistema psicológico interligado, compondo uma totalidade de ações e pensamentos, linguagens e reflexões, que se processam por meio da unidade entre cognição e afeto, entendida como fonte propulsora da produção de sentidos.

Com o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, lembra Wallon (WALLON, 1979, p. 14), as motivações acessam a via da razão e se transformam em idéias, conceitos e projetos. Este fenômeno, para González Rey, sintetiza uma relação relativamente amadurecida entre cognição e afeto, quando o sujeito é capaz de expressar aquilo que sente de maneira racional a partir da apropriação dos sentimentos (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 214).

Nesta perspectiva, Vigotski reconhece que as operações cognitivas são impulsionadas, em primeiro plano, por um conteúdo emocional derivado dos motivos. Por outro lado, elas atuam sobre a esfera emocional, à medida que a ressignificação dos conteúdos psicológicos e a elaboração de novas estratégias de ação dependem de processos psíquicos básicos como a percepção e a memória (VIGOTSKI, 1999, p. 185).

O movimento operado pela relação entre cognição e afeto produz sentido a partir das mediações que o sujeito estabelece com a realidade e vice-versa. Estas mediações não suportam uma linearidade, uma vez que a ação psicológica provoca tensões, é provida de uma forte carga emocional e desencadeia processos contraditórios (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 214; VIGOTSKI, 1999, p. 182).

Nessa direção, González Rey reconhece o caráter processual da personalidade, uma vez que trata da mediação entre subjetividade e objetividade, como um processo comunicacional constante, interativo, simbólico e concreto ao mesmo tempo, em que são geradas as contradições entre o que se vê e o que se fala, entre o que se pensa e faz, entre o que outros dizem e a sua visão particular sobre um determinado acontecimento (GONZÁLEZ REY, 1995, p. 88). As contradições, ressaltam os autores, revelam uma relação entre opostos, mas retratam,

sobretudo, uma possibilidade de se apropriar conscientemente sobre a realidade imediata e daí, elaborar novas idéias e viver novas experiências, chegar a conclusões mais elaboradas sobre um fato, realizar ações protagonistas, transformar aquilo que está posto. As contradições, concluem os autores, levam o sujeito a tomar decisões e se posicionar diante de um determinado fato, diante de uma realidade simbólica ou concreta. Dessa maneira, a elaboração de novas alternativas toma corpo frente a uma situação contraditória, o que caracteriza a personalidade como um fenômeno em movimento.

Segundo González Rey, personalizar uma informação implica em atuar com ela, reconstruí-la e integrá-la a outro sistema de experiência e significação (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 81). Desta análise, os autores concluem que toda a influência externa representa algo que se configura em outra dimensão qualitativamente distinta em relação à objetividade, trata-se do nível da subjetividade.

Sève entende, nesta direção, a teoria da personalidade como um rico caminho para realizar uma análise dialética acerca da unidade entre objetividade e subjetividade, pois ela permite visualizar o trânsito entre a esfera afetiva-emocional e a esfera objetiva-relacional. Por isso, ao mesmo tempo em que o autor compreende a personalidade como a “singularidade mais essencial” (SÈVE, 1979, p. 339), reconhece o caráter histórico do fenômeno psicológico.

Exatamente por revelar o que há de mais singular nos sujeitos, Sève<sup>12</sup> e também González Rey e Mitjans Martínez, consideram que a personalidade toma corpo a partir de funções reguladoras, que garantem certa estabilidade psicológica na maneira particular de sentir, pensar e agir (GONZÁLEZ REY E MITJÁNS MARTINEZ, 1989, p. 18).

A personalidade se forja por uma história única, que traz consigo resquícios do passado, permitindo que antigos valores convivam com novas concepções. É neste processo que se estabelece a reconfiguração que garante um grau de continuidade na ação dos sujeitos, ao mesmo tempo em que abre possibilidades para rupturas com aquilo que está posto.

---

<sup>12</sup> SÈVE, 1979, p. 286

## Personalidade entre a ruptura e a continuidade

Para compreender como a personalidade se processa em movimento e, ao mesmo tempo, sob quais bases funcionais e operativas ela garante certa estabilidade aos comportamentos, Sève aplica a noção marxiana de infraestrutura e superestrutura para analisar esta categoria (SÈVE, 1979, p. 286). O autor parte do princípio fundamental do marxismo, expresso em uma das teses sobre Feuerbach, de que a essência humana é constituída a partir de um conjunto de relações sociais. Esta premissa, argumenta Sève, revela um dado importante para uma teoria da personalidade: a necessidade de uma compreensão histórica, de compreender seu desenvolvimento atrelado, necessariamente, a um aspecto que orienta as relações sociais no capitalismo: a tensão entre capital e trabalho (SÈVE, 1979, p. 184).

Para Sève, o conceito de infraestrutura, tal como Marx o concebeu, pode ser aplicado a uma teoria da personalidade no marco de uma compreensão contextualizada do fenômeno psicológico, entendendo que o modo de organização social é vital para a constituição da personalidade (SÈVE, 1979, p. 286).

Contudo, preocupado em compreender a personalidade como resultado de uma articulação dialética entre infraestrutura e superestrutura da personalidade, Sève exprime o que ele denomina de emprego do tempo. Para ele, este conceito permite analisar a processualidade das relações sociais, uma vez que os atos singulares são aqueles que geram movimentos históricos, avanços e retrocessos na relação entre subjetividade e objetividade (SÈVE, 1979, p. 259).

Os atos singulares cumprem, para Sève, um papel importante no desenvolvimento da personalidade. Segundo o autor, eles são responsáveis por exprimir as contradições entre a teoria e a prática (entre o que se pensa e como se age) e possibilitam assim, ao sujeito, qualificar e dar continuidade para suas atividades, planejar novas ações, produzir novos instrumentos, superar um desafio que está colocado. Os atos não são meramente espontâneos, ou mera repetição dos

estímulos externos, mas são empreendidos por um sujeito capaz de se apropriar, conscientemente, da realidade à sua volta, ainda que esteja situado no tempo e no espaço (SÈVE, 1979, p. 448).

Com isso, a superestrutura da personalidade, bem compreendida como a unidade dialética entre objetividade e subjetividade, corresponde à manifestação da personalidade propriamente dita, caracterizando a singularidade do sujeito, os seus atos particulares, o seu jeito de ser, de pensar e falar, ainda que estas características pessoais estejam situadas em uma realidade histórica construída a partir da cisão entre capital e trabalho (SÈVE, 1979, p. 368).

Podemos compreender, dessa maneira, a superestrutura como a exteriorização do sujeito, como forma deste expressar sua singularidade, embora a individualidade seja também um fenômeno social. Neste processo, o ato singular é responsável por “testar” a consciência, os pensamentos e os sentimentos colocados à prova pela realidade concreta.

Paralelamente, Costa acredita que a personalidade deve ser compreendida a partir do processo de exteriorização, do momento em que o indivíduo passa a externar sua marca pessoal em um processo de objetivação da realidade (COSTA, 2005, p.52). A partir de então, podemos compreender o ato singular, como forma de materialização das escolhas individuais frente ao campo de possibilidades históricas.

Compreendendo o ato singular dentro de um determinado campo de possibilidades, podemos fazer uma analogia entre o que Sève chama de infraestrutura e superestrutura da personalidade (SÈVE, 1979, p. 286), e o que Costa refere-se como processo de objetivação/exteriorização na constituição da individualidade humana (COSTA, 2005, p. 52). Ambos os autores chamam a atenção para a personalidade como o momento fundamental da articulação entre as causalidades postas e as posições teleológicas. Nesse sentido, a personalidade configura-se, para Sève, a partir de uma articulação temporal e dialética entre subjetividade e objetividade (SÈVE, 1979, p. 259).

Esta articulação, a que Sève e Costa se referem, poderia ser compreendida a partir daquilo que González Rey (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 183) entende por configuração subjetiva, um conceito que o

autor utiliza para demonstrar o caráter relativamente autônomo da subjetividade. Com isso, arriscamo-nos a dizer que tal configuração poderia ser analisada a partir da capacidade da personalidade expandir ou ressignificar seu campo histórico-concreto de possibilidades. A criatividade, por exemplo, poderia ser observada, nesse sentido, pela capacidade que o indivíduo apresenta para reconfigurar ou expandir seu campo de possibilidades.

Para compreender como se processa este possível alargamento do campo de possibilidades, recorreremos à análise de González Rey e Mitjans Martínez<sup>13</sup>, que destacam a integração de dois aspectos para a análise da personalidade. O primeiro aspecto refere-se ao nível *funcional* da personalidade, compreendido como todas aquelas particularidades que distinguem qualitativamente o exercício da função reguladora da personalidade (a estrutura temporal da personalidade, a rigidez ou a flexibilidade para revalorar os conteúdos psicológicos contraditórios, etc.). O segundo aspecto corresponde ao nível *estrutural* da personalidade. Por aspectos estruturais da personalidade entende-se a forma estável que os conteúdos psicológicos assumem e se expressam sobre a função reguladora (é a capacidade de o indivíduo estruturar seu campo de ação).

Os níveis funcional e estrutural da personalidade compreendem uma unidade indissolúvel, por isso González Rey e Mitjans Martínez concluem que somente a análise do nível estrutural da personalidade, atende a uma compreensão fragmentada desta categoria, à medida que a forma estável dos conteúdos psicológicos não representa um elemento estático, pois se constitui em constante movimento, a partir da tensão gerada pelo sujeito na ressignificação de aspectos da sua realidade (GONZÁLEZ REY E MITJÁNS MARTINEZ, 1989, p. 35). Dessa forma, a compreensão da agressividade, por exemplo, não pode ser analisada por si mesmo, somente como uma conduta agressiva do indivíduo, como se ele fosse portador de uma personalidade invariavelmente agressiva.

---

<sup>13</sup> GONZÁLEZ REY E MITJÁNS MARTINEZ, 1989, p. 18

Ao contrário do que a psicologia dominante nos impõe, o comportamento do sujeito não é invariável e absoluto. Por isto, a agressividade pode ser considerada, inclusive, como uma resposta saudável frente a um ambiente que sufoca a capacidade criadora, ou mesmo, impossibilita a expressão dos sujeitos, dos seus sentimentos e da sua própria individualidade (GONZÁLEZ REY E MITJÁNS MARTINEZ, 1989, p. 43). Nesse caso, este fenômeno é compreendido dentro de um contexto simbólico e reflete a ação do sujeito também implicado emocionalmente em uma realidade concreta.

A personalidade representa, portanto, a integração sistêmica dos elementos cognitivos e emocionais que caracterizam os conteúdos e as funções psicológicas em sua expressão individualizada, ao mesmo tempo social. É, por isso, responsável por mediar a relação entre consciência e atividade (GONZÁLEZ REY E MITJÁNS MARTINEZ, 1989, p. 9), fazendo a singularidade aflorar em meio a modos comuns de vida.

### **3. Para concluir...**

Ao logo do texto, buscamos compreender a noção de campo de possibilidades (COSTA, 2005, p. 59) como uma base teórica fundamental para o conceito marxista de personalidade, que exprime uma análise dialética do fenômeno compreendido a partir da articulação entre subjetividade e objetividade.

A unidade dialética entre subjetividade e objetividade pressupõe uma mediação ontológica entre estas duas dimensões inalienáveis da vida humana: a singularidade e a dimensão genérica dos fenômenos psicológicos. Com isso, concluímos, assim como Vigotski, que o desenvolvimento da subjetividade e da objetividade no marco do desenvolvimento humano “não é a simples continuação direta de outro, mas ocorre uma mudança do próprio tipo de desenvolvimento – do biológico para o histórico-social” (VIGOTSKI, 2003, p.149).

Assim como Vigotski, Sève reconhece a importância de compreender o sujeito histórico para compreender as histórias particulares dos sujeitos e as vias possíveis para constituição da suas particularidades. Por isso, Sève afirma: “O conhecimento do geral é a estratégia do conhecimento do particular” (SÈVE, 1979, p. 378)

Nesta direção, a teoria de González Rey sobre subjetividade agregou conceitos importantes no curso da nossa reflexão. Demonstrou com mais clareza como a personalidade se desenvolve entre a ruptura e a continuidade (GONZÁLEZ REY 1995, p. 2003). Como o sujeito se comporta a partir de uma estrutura psicológica, reproduzindo uma série de comportamentos que caracterizam sua singularidade, ao mesmo tempo em que atualiza suas ações e sua própria personalidade.

Dessa forma, almejando uma articulação possível entre diferentes autores, de origem marxista, acreditamos que pudemos cumprir o objetivo deste artigo: realizar uma breve descrição de alguns pressupostos teóricos sobre personalidade, em uma perspectiva materialista histórica e dialética.

## Referências Bibliográficas

COSTA, Gilmaísa Macedo. *Trabalho, individualidade e pessoa humana*. Pernambuco, 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social). Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco.

DUARTE, Newton. “Formação do indivíduo, consciência e alienação. o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev”. In: *Caderno Cedes* Campinas, vol. 24, nº62, 2004.

EUZÉBIOS FILHO, Antonio. *Consciência, ideologia e pobreza: sociabilidade humana e desigualdade social*. Campinas, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia, PUC-Campinas.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Comunicación, Personalidad y desarrollo*. Habana: Pueblo y Educación, 1995.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico – cultural*. (trad. GUZZO, Raquel Souza Lobo). São Paulo: Thomsom, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando e MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. *La personalidad: Su Educación y desarrollo*. Habana: Pueblo y Educación, 1989.

MESZÁROS, Istvan. *A teoria da alienação em Marx*. (trad. TAVARES, Isa). São Paulo: Boitempo, 2006.

PARKER, Ian. *Revolution in Psychology*. London: Pluto, 2007.

SÈVE, Lucien *Marxismo e teoria da personalidade*. Vol. 1, 2 e 3. (trad. GODINHO, Emmanuel Lourenço). Lisboa: Horizonte, 1979.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Teoria e Método em psicologia*. (trad. BERLINDER, Cláudia). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. (Trad. BEZERRA, Paulo). São Paulo: Martin Fontes, 2003.

WALLON, Henry. *Psicologia e educação da criança*. (trad. RABAÇA, Ana; TRINDADE, Calado). Lisboa: Vegas, 1979.